TERÇA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1915

N.º 243. 5.—(365) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

Coleção de bichos portuguezes

Fonseca

III

Um belo passaro bisnau

CRONICA

A crise — Os submarinos — A sessão do parlamento — A Servia — Vivas e morras — A liberdade de imprensa e de pensamento.

Cordealmente o senhor presidente da Republica aceitou a demissão do governo, vivo depois de falecido ainda 2 mezes, e *cordealmente* convidou o sr. Afonso Costa a constituir governo.

Tinha que ser. Todos acharam o sr. José de Castro uma respeitavel pessoa, mas iam-lhe dando cada descompostura de o derrear! A ultima foi por causa duma compra de 3 submarinos, por vias ilegaes, visto que o ex-chefe do governo, fôra buscar ao orçamento votado para o Arsenal na outra banda, — a 8.ª maravilha a fazer-se em Lisboa no ano 7000 — uma parcela para a imediata transação com a casa Fiat San Giorgio, tipo aprefeiçoado espadarte. Havia votada uma verba de 1.050 contos para 2 submarinos de grande raio de ação e 1.200 para a 1.ª secção no Arsenal na Outra Banda. Este não podia iniciar-se no ano economico (e sabe Deus e o Sr. da Cêra Portuguesa quando) e a verba não dava para nada, sendo ainda por cima só entregues pela Italia a Portugal lá para o 2.º semestre de 1918. O sr. José de Castro que alem de presidente encravado era um ministro da marinha... de andar por terra resolveu pelo mais logico, que era fazer alguma coisa e falar menos. Desataram de novo a bater no pobre exchefe do governo, que talvez a esta hora já esteja arrependido de ter pretendido fazer alguma coisa de util a esta terra, e arrependido por consequencia de não ter encomendado antes os submarinos á casa Fiat... na Virgem.

Quando chegou o dia da reunião do parlamento — uma coisa que ninguem soube explicar para que foi — na auzencia do ex-ministerio fartaram-se-lhe de lhe chegar para cima. Nem o caso era para menos. Mas, quando chegou a ocasião de alguem ir tomar as redeas da *carrimpâna desarvoráda* que é o nosso paiz, ninguem se achava com brios!

Veiu então a ideia da organização dum governo nacional.

Todos perguntaram para quê! Ha alguem que saiba responder porque é que em Portugal no dia 27 de Novembro de 1915 se precisava d'um governo nacional?

Precisamente naquele dia o paiz começava a atravessar alguma crise?

Olhavam-nos naquele dia as nações?

Tinha-nos declarado guerra a Hespanha?

Era naquele dia apenas que era preciso definir situações?

Ninguem sabe porque é que... na ocasião de um partido cheio de responsabilidades e promessas ia depois de muito esquivado tomar conta do governo que lhe compete, que tudo lhe indica, se havia de constituir, com uma pressa, com uma *órgencia* medonha, um governo nacional.

Talvez tivesse rebentado a conflagração europeia naquele dia!! Talvez o estado melindrôso das nossas colonias, da nossa vida financeira se iniciasse naquele dia!! Talvez na sociedade portuguesa tivessem começado naquele dia turbulencias na disciplina social...

Um governo nacional! Esta era bôa. Um sujeito farta-se de dizer mal dos outros, arma banzés e espanca os outros e quando lhe dizem para tomar o logar deles, faz-se muito circunspecto, arrebita as orelhas e murmura: A situação é grave; ajudemo-nos uns aos outros.

Assim foi o partido democratico; barafustou, fomentou desordens, fez revoluções, chamou nomes feios a toda a gente, desde covardes a traidôres, fez jôgo politico de tudo desde o patriotismo ás simpatias proprias e agora não quer que ninguem assista... ao seu funeral.

Ainda ha dias essa manifestação de desordem social se sentiu. A culpada, como da guerra europeia, foi a Servia. Sim, meus bons leitores. Lá porque a Servia vive no coração de todos nós emquanto os seus terrenos morrem sob os pés do invazôr, lá porque a Servia é grande e sofredôra nas suas horas tristes e agonicas; porque a Servia como a Belgica — a martir sagrada da civilisação, nós todos temos o *direito* de sermos apupados, assaltados, difamados e quiça sovados, se não damos vivas ao que *eles* querem, se falamos mais alto do que o que a *liberdade* arte nova da imprensa e do pensamento ordenam, se dizemos o que sentimos e esse sentir é contra os gósos e desejos deles.

O *pôvo* (mas qual pôvo?) foi convidado a manifestar-se ao lado da valorosa e pequenina Servia. Foi lá a milionessima parte de todos que trazem esse paiz na alma e no coração; desses que foram talvez meia duzia conhecessem a nobreza verdadeira dos sentimentos altruistas e do valor historico da pequenina nação. Pois esses *amantes* apaixonados dos grandes e rasgados horizontes, da liberdade e do progresso representados nos aliados, do direito das nações, vão logo em seguida dar môrras a *A*, apedrejar *B*, e assaltar um jornaleco que não convem.

Mas não convem a quem?

A' Servia?

Ao Tanas, meus amigos, ao Tanas, que é liberal e revolucionario, joga no club dos Restauradôres, não tem emprego mas ganha bem e deseja a ida dos outros para a guerra, de todo o fundo da sua alma de patriota e liberal.

E viva o Tanas, pois que esta bambochata agora só vae *a vivas e morras* e quem governa é D. Marmeleiro.

Viva o Tanas, que é para não nos darem cabo do arranjinho.

A proposito... muita chuva tem caido!

Decedidamente é uma pena que não tomemos parte na guerra europeia, dado o nosso génio aguerrido e picado das bexigas deviamos fazer um vistão.

Olhem os leitores como os rapazes das escolas teem andado a brincar ás revoluções. Olhem para a série de facadas que quotidianamente a policia e o bandulho dos agredidos registam e digam se isto é ou não um povo aguerrido e... mesmo danadinho para a comida de urso.

*

Não temos, isto é, dizem que não temos governo, agora, mas nós já ha muito tempo que lhe notamos a falta. Estamos pois anciosos por êle e esta anciedade é perfeitamente justificavel. Desejâmos vêr se êle é capaz de nos dizer onde se esconde a batata, os ovos e outras coisas necessárias á alimentação do Zé.

Vê a gente os jornais e não lê senão noticias de terem chegado ás estações do caminho de ferro, muito *Wagons* com batatas, muitos milheiros d'ovos e afinal vai-se ao mercado, ás mercearias, aos celeiros e batatas ou ovos não aparecem.

Ora pois... batatas para isto tudo...

E o pobre Zé tem que os gramar a não ser que se ponha ao alto para pôr côbro á pouca vergonha.

*

E o peixe?... Que rica fita é essa da tal tabela. A varinagem manga com a lei, com a policia, com o povo, com tudo e ainda por cima é cada descompostura de fazer corar um veterano.

Aguentar... e *vivó* a Fraternidade portuguesa.

Lanceta.

DOS POETAS

O filho

Era um pobre rapaz, um simples operario,
Perdera a companheira ainda na flôr da edade
e, entregue á sua dôr, morria de saudade,
entre um pequeno berço e um leito solitario.

Deu em beber. A' noite, ao ebrio visionario,
aparecia-lhe «ela» e que felicidade!
que delirios! que amôr! que beijos!... Temerario,
não via o filho a olhar, fremente d'anciedade!

Uma noite bateu. . bateu .. Tudo calado!
Arromba a porta... Horror! Junto á efigie da mãe
vê estirada a criança e uma garrafa ao lado!...

«Que fizeste, ladrão?» lhe grita como quem
ia esmagal-o ali. Responde o desgraçado:
«Papá, não batas, quiz vêr a mamã tambem!»

FERNANDO CALDEIRA.

Camillo Castello Branco

Pobre Camillo, quem diria, que o maior, o mais notavel estilista desta linda terra, aquelle que em rajadas de genio, soube desenhar o seu povo, os seus costumes, os seus ridiculos e as suas virtudes; aquelle que primorosamente cantou as belesas do nosso idioma, que extrahiu d'esse inexgotavel filão, preciosas paginas de litteratura, que dorme no isolado canto do cemiterio da Lapa, do Porto, ainda não tem a perpetuar-lhe a memoria, o frio marmore ou o negro bronze.

Ingrata gente. Bem mais feliz é Taborda que, no atrio da casa de Gil Vicente e no historico jardim da Estrella, já tem celebrisada pelo marmore, a sua obra de actor e o seu nome!

Camilo, o grande, o incomparavel genio, o extraordinario mineiro da literatura, gloria inconfundivel da patria portugueza, ainda aguarda que a sentença d'essa celeberrima commissão de 68 individualidades, decida da sua sorte!

O que tem feito esse batalhão de... illustres literatos, de notaveis patriotas?

Que contas dão ao paiz, do mandato que receberam?...

Olhem que são 68 cidadãos, que foram eleitos para levar a cabo a realisação da maior divida de gratidão nacional para com o imortal Camillo Castello Branco!

Pobre Camillo, que tristeza teres nascido na terra dos Germanos Martins. Como é triste o nascer artista em Portugal.

O QUE NÓS "SAMOS"

Ha mais dois deputados dos afectos
á sã Democracia Portuguesa,
dois homens de saber, serios, corretos,
o que se chama mesmo uma *bulesa*!

O povo portuguez, de pais a netos,
é todo democrata, com certeza,
e até bons democratas os insectos
que deu a Portugal a Natureza!

Não ha pois discrepancias entre nós
que sem temer qualquer sensaboria,
vivemos numa paz... quasi feroz!

E assim é sempre: — «Abaixo a monarquia!»
«Republica?» p'ra quê? — Nós *semos*, *sós*,
Democracia!

Candido Torrezão (K. K. To.

UM SONHO

Ia a noite bem adiantada quando as minhas palpebras cansadas se cerravam e a cabeça me pendeu sobre um livro que de horas já me prendia a atenção. O que foi esse sonho que tão fortemente me impressionou que, agora, acordado, senhor da minha consciencia, ainda me atravessa a mente, vou narrá-lo, porque se me afigura ser de um simbolo da nossa vida nacional, porque chego a pensar que não é mais do que uma representação da nossa vida coletiva, embora, é claro, exposta metaforicamente. E por isso não julgo desarrasoada a sua explanação, hoje que o grito do desalento, herança talvez dos nossos velhos nautas, que, vendo o mar encapelado, largavam a manobra e de joelhos imploravam a protecção divina, deixando que o barco vogasse á mercê dos elementos desencadeados, parece querer expavorir todos, arrancando ainda aos mais optimistas a esperança de salvamento. E o nosso sonho anima-nos a soltarmos um grito de esperança a tentarmos um esforço para que a crença renasça nesta sociedade a que a desgraça parece ter arrancado as mais belas condições de resistencia.

Soprava rijo o vento; nuvens caliginosas encastelavam-se toldando todo o horizonte e fazendo acreditar um naufragio proximo tão temeroso que a salvação se afigurava impossivel; só muito tenue, como um fio quasi imporcetivel, um raio de sol, como que a medo listrava os nimbus mais cerrados. Era assim que por um mar cuja amplidão o negrume não deixava perceber que uma náu, a nau da Republica, vem vergando, ha cinco annos, por esse mar tenebroso em que os recipes e cachopos afloram constantemente á surperficie, em que o sargaço tolhe o andamento, parecendo que os elementos estão apostados em fazê-la sossobrar. Depois para agravar a situação os tripulantes teem sido inexpertos o que é mau, ou então corsarios que, sob capa de bons e honestos marujos, nela se alistaram, levados unicamente pelo desejo de a levarem a porto mal seguro onde possam exercer á vontade a rapina e chacinarem os inexpertos que, todavia, são sinceros, dedicados e capazes de á salvação da nau sacrificarem a sua propria vida.

O capitão da nau, o povo confiado, na sua boa fé extraordinaria, na maruja que imprudentemente deixou embarcar prestando ouvidos aos chefes das manobras que dirigem os grupos da maruja, adormeceu e consentiu que a nau vogasse sem timoneiro fiel e de pulso. Mas a celeuma a bordo tem sido tanta, os cabos das diversas esquadras da guarnição teem feito surgir tanta briga, em que as navalhas já brilham numa furia insofrida de carnagem, que o adormecido capitão acordou e está resolvido a impôr a ordem para que a nau possa safar-se e, libertando-se do mau passo, singrar altiva e segura por mares bonançosos.

Os inexpertos vão abrindo os olhos á verdade e vão adquirindo a tão necessaria experiencia á custa do perigo temeroso que os assalta; esquecidos de velhas dissidias fomentadas pelos corsários que a boa fé do capitão meteu a bordo e alistou na tripulação, os inexpertos, aquelles que tanto e tão desinteressadamente haviam chamado pelo porto de salvamento, vão comprehendendo que só unidos e com a mesma fé e o mesmo ardor pela salvação e integridade do navio poderão levar a bom porto o barco que lhes foi confiado. Um ou outro, bem reduzido será o seu numero, deixou-se seduzir pela vida airada, pelo espirito rapinante dos corsarios e com elles consociou, desprezando ora os velhos companheiros d'outrora, deixá-lo. A massa dos bons inexpertos, o grupo dos que amam a nau mais do que a propria vida, unir-se-ha e reduzirá á incapacidade de prejudicar todos os maus tripulantes.

A bordo vão já faltando os mantimentos; a mastreação e o velame parecem gastos e quasi a desfazer-se; o sacco não poderiá já aguçar o apetite dos maus tripulantes que se encontram a bordo; as munições escasseiam para se repelir qualquer assalto de corsarios que não conseguiram matricular-se a bordo, mas que, todavia, são menos perigosos e daninhos dos que a boa fé do capitão albergou com palavras de amor e agasalho de homem perdulario, ofendendo os inexpertos mas dedicados tripulantes de sempre. Tanto melhor! Os corsários, ao julgarem a nau perdida, sairão em tropel pela borda, escavacados pela tormenta os barcos de salvação; levárão o pouco mantimento que resta e rindo, zombeteiros, ao alcançarem a terra, encherão de vaias os miseros tripulantes que para todo o sempre julgam perdidos.

E' então que o raio de sol que tão tenue e parecia-se mostra forte, intenso, quente, tão benefico que não ha nuvens que possam encobri-lo, tão luminoso que a tempestade se recolhe e esconde de vexada.

A nau então enche-se de vida como por encanto; os inexpertos que á custa da propria dôr, conquistaram experiencia, lançam-se destemidamente ao trabalho e o velho capitão, o povo, abertos bem os olhos, chamado á rialidade das cousas, lembra-se de que na parte mais interna da nau no ponto que só ele conhecia guardara avaramente belos aparelhos, velame do mais resistente para a hora suprema do perigo, e confiando agora em que a gente que tem a bordo é honesta, segura e capaz de todos os sacrificios, entrega áqueles que esquecera e quasi pusera de parte o governo da nau e a direcção da maruja. E, liberta dos corsários, a nau safou-se dos parceis e navega em mar amigo na direção do porto onde uma multidão em festa, depois de haver aprisionado os corsarios e os maus chefes de maruja que, iludindo a confiança do capitão, os haviam introduzido a bordo, recebe festivamente o capitão, o povo, e os tripulantes bons, honestos e puros que na hora do mais extremo perigo o não abandonaram.

E o capitão, o povo, de olhos bem abertos á evidencia dos factos, escorraça de vez os traficantes e os máus e manda arvorar no mastro grande uma bandeira verde e rubra, mas de tons tão puros e limpidos que nenhuma nodoa aí se encontra e que o brilho do sol mais faz realçar. E essa bandeira, embora desfraldada do alto, cobre com a sua sombra toda a nau que é a terra portuguesa, e no tonbadilho deixa lêr estas palavras: paz amor e unidade de esforços e objectivos.

Tal o sonho que tive; quando será ele uma rialidade inconstestestavel?

Só o povo o poderá dizer.

Agostinho Fortes

Soldados inglezes disparando uma metralhadora provida do pariscopio nos Dardanellos

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Vae começar nova lida
para formar ministerio,
vae cuidar-se agora a serio
da carestia da vida.

Já está aberto outra vez,
com o maximo incremento,
o famoso *Parlamento*
ao Congresso portuguez.

Deputado ou senador
que queira *botar figura*,
já pode arranjar fartura
de discursos de valor.

Vão forjar-se mil projectos,
de varias conformidades,
onde as grandes sumidades
dão largas aos intelectos.

Todos querem ter *rompantes*
de apresentar coisas bôas,
mas, no fim de *muitas lôas*
fica tudo como dantes...

Vid' Alegre.

DIALOGOS

— Não sabes?
— O quê!...
— Que o poeta... é secretario do Raimundo.
— Isso não é novidade.
— Ora essa...
— Foi quem escreveu aquela conferencia que o Raimundo recitou num centro democratico, o que levou *O Mundo* a chamar a este, correligionario, inteligente.
— Foi por isso que o poeta a disse: decorou o sermão muito bem, bravo.

A Guerra Europeia

Epizodios da luta russo-germanica — Uma retirada tragica!

Uma semana em que se travaram mais batalhas diplomaticas do que de tropas e canhões. De facto, a resistencia que os aliados tinham a vencer no enigma neutralista tendencioso grego, preocupava, de momento, mais as attenções, do que os ataques sustidos e parados de artilharia e infanteria quer em Artois, nos Vosges e Hartmanuswiherkoff, quer nas regiões friorentas do Dwina, do Dwinsk, do Styr ou do Strypa.

E essa batalha antevê-se com gloria bem ganha. A ameaça permanente sobre as costas, d'uma traição helenica, parece dissipar-se, aos esforços diplomaticos de Kitchner e Denis-Cochin e... talvez tambem dos *dreadnoughts* aliados que ameaçaram com as suas bocarras hiantes dizimar toda a Grecia, ao alcance dos seus projeteis.

O facto é que o sr. *Skoulondis* garante não levantar a Grecia um *dedo* para os aliados.

Na Romania conversa-se amicavelmente com a Russia. A que conclusões chegarão? A boas por certo; nunca o governo de Bucarest teve as tergivencias e as dubias palavras do de Atenas

Entretanto vão os alemães explorando pela nova via de comunicação atravez da Bulgaria, os recursos em homens e em proventos da sua aliada Turquia.

Ainda se não efetuou a entrada triunfal de Guilherme II em Constantinopla, maravilha do seculo XX destinada a aturdir os obsecados e os ignorantes, tal como a chegada dum Zepelin ha dias a Sofia sob os olhos desmezuradamente abertos do povo bulgaro.

A comunicação dos imperios centraes com a Turquia faz-se agora muito mais livremente. O correspondente do jornal de milão *Corriere dela Sera* descrevia ha dias esse percurso que fez.

Percorri hoje — diz ele — a margem romena do Danúbio. Vê-se do outro lado do rio, a margem sérvia e o fumo dos bivaques austro-alemães e bulgaros em redor das casas arruinadas. Os novos aliados chegaram ao contacto e reuniram-se.

Das ribas, as vedetas olham as aguas barrentas sobre as quaes passam, de tempos a tempos, chalupas a vapor com as bandeiras austriacas e bulgaras que o vento sul agita. Mais longe, destacam-se as aldeias alcandoradas na margem devastada. O fumo ergue-se das suas ruinas, marcando as etapes da marcha austro-alemã.

Distinguem-se Grabovitza, Valerniza, Vajuga, aldeias mortas em meio de arvores destruçadas, que parecem chorar sobre as ruinas das casas silenciosas. Vê-se Kladovo, incendiada pelos servios antes da retirada e ainda envolta num véo de fumo azulado. No sopé das collinas corcovadas que dominam as *Portas de Ferro*, está Sip, reduzida a um montão de escombros pela artilharia grossa de Orsova, bombardeada a oito kilómetras de distancia. E mais longe, para alem da linha melancólica e graciosa dos ulmeiros que se erguem por sobre o minarete da mesquita de Ada Kalé, surge Tékija, de onde os servios tiveram de retirar-se para não ficarem esmagados entre duas colunas austriacas.

Logo que os servios partiram, longas filas de barcaças deslisaram pelo Danúbio e desembarcaram em Tékija varios regimentos, dos quaes, uns continuam a avançar sobre a margem servia e outros se internaram no paiz. Das populações, uma parte procurou refugio na margem romena, outra nas montanhas do interior. Durante tres dias foi uma fuga desesperada. Em algumas aldeias do interior, os austriacos e os bulgaros têem chacinado todos os que encontram vivos. Grupos de camponezes aterrados abeiravam-se do rio gritando e implorando o socorro da margem oposta. Durante a noite, emquanto as aldeias ardiam, ouviam-se os gritos de angustia do outro lado do rio. Encontrei durante o dia grupos desses desgraçados. Em Turnn-Severin estão mais de mil, lúgubre multidão que passa as horas estarrecida, a olhar para as suas casas destruidas, e para a patria perdida e calcada por tres inimigos.

Mas, descendo o Danúbio vê-se um espetaculo bem mais grave. São as colunas de tropas e os comboios de reabastecimento que passam tranquilla e ininterrutamente sobre essa margem servia, como por sua propria casa: é a marcha alemã que, pela antiga estrada romana que margina as *Portas de Ferro*, se dirige para o Oriente.

A juncção bulgaro-alemã consolida-se de dia para dia, abrindo cada vez mais o caminho de Berlim para Constantinopla. A estrada por terra, junta-se á via mais rapida do rio: todo o Danúbio está na posse dos imperios centraes. As minas que os servios ali haviam colocado, levantaram as os austriacos. Vi partir esta manhã, de Turnn-Severin o primeiro vapor austriaco que subiu ao rio aberto á navegação. Era um grande rebocador arrastando barcaças carregadas de reparos dos canhões servios encontrados em Klodovo. A cada instante. canoas e chalupas, ostentando a bandeira alemã, passam lenta e prudentemente, explorando a corrente. O tricolor branco, vermelho e negro chegou até aqui e tremula na atmosfera pardacenta, a vincar como senhor o amplo espelho das aguas e passando cheio de desdem em frente da margem neutra.

Dentro em pouco, quando as ultimas minas foram levantadas, veremos passar os comboios de barcos carregados de munições e que ha muito tempo esperam passagem livre entre Presburgo e Budapest. E com as munições hão de passar os canhões, as espingardas, os viveres, e tambem os submarinos destinados ao mar Negro e ao Mediterraneo, tudo aquilo que, emfim, tão preciso é em Constantinopla; ao passo que outros subirão a corrente, trazendo tudo o que a Alemanha precise e que a Bulgaria e a Turquia lhe podem dar, e, principalmente, os trigos das campinas bulgaras e o cobre das minas da Asia. O caminho está livre. O bloqueio que a *Entente* tinha formado em volta do inimigo está roto. Não ha que negar o facto. Por agora, a Alemanha ganhou a partida. A passagem das *Portas de Ferro* é a sua primeira e verdadeira vitoria para a realisação do programa pangermanista: Berlim-Bagdad.

O generalissimo dos exercitos servios, Putunik

Sob o ponto de vista da campanha, é verdadeiramente interessante este artigo. Contudo o tempo minora-lhe o valor das conclusões, porquanto os *servios* ainda vivem, em boas condições de luta como o demonstrou a vitoria em Deskovatz, e a derrota na conquista anceada de Monastir. Dizem — os rumores vagos que descem por vezes aos mortaes — que os servios, esperam contingentes franco-inglezes em bastante numero para retomarem a ofensiva. O ministro servio em Paris afirma que o exercito do seu heroico paiz retirará até ao extremo da Albania, defendendo palmo a palmo, a fim de dar tempo á concentração dos aliados.

Nas noticias da semana, o que sobresae dos comunicados oficiaes quer da frente ocidental, quer da fronteira russa onde não ha ações de maior vulto, são os avanços ultimamente feitos na ofensiva italiana.

Ha perto de 3 semanas que o nome de Goritza flutuava nos labios de todos que seguem dia a dia a luta europeia. Os italianos na linha do Isonzo iam-se aproximando atravez os espinhosos cumes e montes que a protegem, de Goritza. Um dia chega a boa nova da queda de Oslava. Dias depois no Baixo Trentino anuncia-se uma nova boa presa. Os austriacos evacuam, depois duma luta de muitos mezes, Mori e Roverêtto, no caminho de *Trento*.

Nos Dardanelos luta-se ativamente. Correram, quando começou a periclitar a defensiva servia, que os Dardanelos seriam evacuados para os contingentes ali em ação irem tomar parte na campanha da Servia.

Não sucedeu porem o que as espectativas germanofilas anceavam.

A Turquia não viu a peninsula de Galipoli livre dos seus intemeratos conquistadores que, pelo contrario dia a dia exercem a sua ação com grande atividade de artilharia e de luta de minas.

Mitau que os exercitos de Hidembourg conservaram desde a ofensiva, em seu poder, foi abandonada, o que prova o que já varias vezes temos afirmado: a ofensiva alemã, paralisada ha mezes já vae se tornando insustentavel nos limites que tinham atingido.

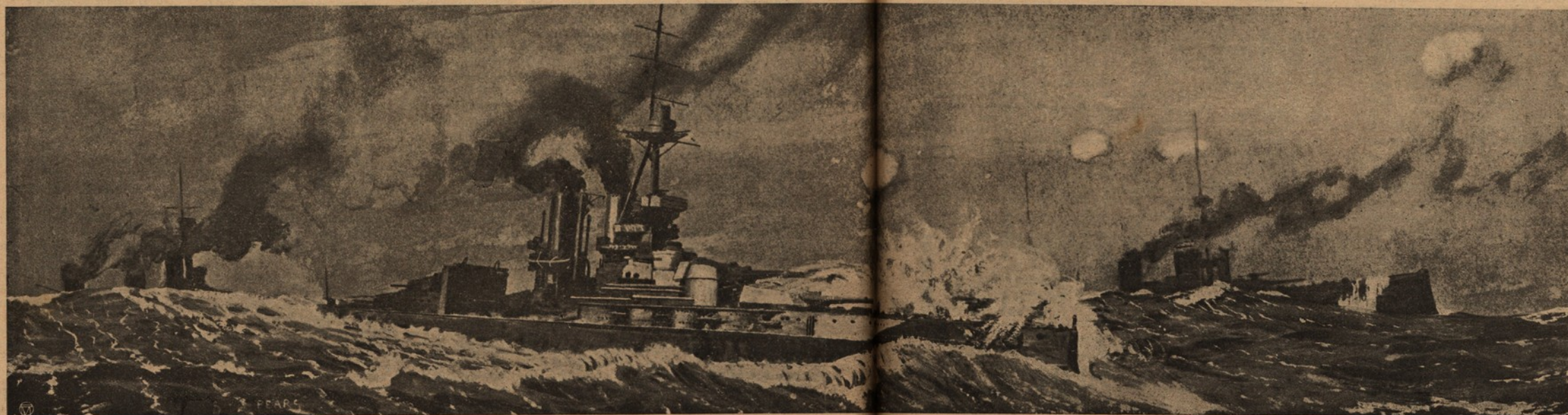
A pressão russa acentua-se, os exercitos moscovitas, sempre reforçados, municiados pelas fabricas russas e japonezas, artilhados mesmo, por estes, utilizando-se do inverno, para irem escorraçando o invasor.

A evacuação de Mitau é uma boa nova para todos os aliadofilos.

Ha quarenta horas que os inglezes estão debaixo de fogo na linha Doiran.

Ininterruptamente desembarcam consideraveis reforços inglezes.

Tambem parece que muito breve a Romania vae abandonar a sua neutralidade, enviando um ultimatum á Austria.

Assim sejam todas as noticias que surjam no lapso do tempo que decorre até á proxima terça-feira.

Uma esquadra de «dreadnoughts»

Bilhetes postaes insolentes

Caro amigo:

Tenho lido as vossas terriveis criticas. Não ha uma peça que não seja o mais atentorio crime contra a literatura, contra o bom nome do teatro. Os desempenhos merecem o vosso evocar da mizeria de arte que por ahi vae. Em suma, o teatro para vós anda tão baixo, tão baixo que era melhor não o termos. Admiro e respeito as vossas furibundas criticas, e os teus suculentos artigos sobre o teatro moribundo.

Tambem eu choro essa divina arte e acompanho-vos nas SÓVAS que dais aos escritores nacionaes.

A proposito: porque não escreve você uma peça?

Vosso amigo e admirador

João Platão.

A carestia da vida preocupa todos aqueles que vivem sómente dos salarios, cuja situação é intoleravel.

Os grandes açambarcadores vivem alegres.

Explorando a miseria do povo, vão amontoando lucros, incalculaveis á custa dessa mesma miseria.

Fizeram o seu jogo sobre a questão dos ovos, rindo-se da tabela que marcando o seu preço a 280 reis, eles vendem-nos a 400 reis.

Agora para fazerem a alta do preço da batata, tem recorrido aos mesmos processos. Esses tuberculos são da cultura nacional. No entanto parece que vinham da Alemanha, pois o seu preço regulando entre 20 e 40 reis o kilo, na praça já a vendem a 100 reis!

Os meios empregados pela autoridade para obstar á ignobil exploração de criaturas gananciosas, não dão os resultados esperados.

A fome já ha muito se abriga no lar dos proletarios e da fome á desesperação vai um passo, como da desesperação á violencia vai outro.

Noutros tempos, segundo as averiguações historicas de Spinosa, os açambarcadores eram enforcados e açoutados na praça publica; hoje são multados os pequenos comerciantes que teem que regular o preço dos generos pelo preço da compra.

Mas ha mais. Os do Poço do Bispo que teem engordado á custa do vinho, já explorando com a alta de preços, já outros — segundo se diz — fazendo falsificações admiraveis em tempos de pouca abundancia, aumentaram o preço.

O povo que devia reclamar não só contra esse facto, mas tambem contra o roubo das medidas, faz manifestações que lhe não dão pão nem engrandecem a patria.

Mas ouçam mais, ouçam!

O queijo de ouvelha que sempre se vendeu a 540, o maximo 600 reis, vende-se já a 1200!

E o queijo é nacional, não vem da Alemanha.

Diz nos o Anastacio que um simples tendeiro do alto da Cotovia em tempos idos deixou muitos milhões de Cruzados e passou de um obscuro homem de negocios a Barão e de Barão a Conde.

Quando liquidou contas no banco inglez havia-se enganado na importancia de 500:000 libras contra a sua pessoa.

Mas que tem isto a questão de que se trata?

Xisto V antes de ser Papa, não foi guardador de porcos?

Não temos individuos sem exame de primeiras letras, que são senadores?

A questão é ser ou não ser!

Os patriotas em vez de tratarem das questões que se prendem com a vida, preferem fazer manifestações e assaltar jornais para engrandecimento do demagogismo triumfante que, segundo a opinião de gente sensata ha-de levar isto á gloria, graças á protecção que dispensam esses bebedores de sangue humano...

Jean Jacques.

Em redor dos factos

Hermanas Heliet

São duas bailarinas hespanholas que fizeram de Lisboa um ponto fixo de residencia, tão agradavel é este paiz aos estrangeiros.

Procuraram-me ha dias exigindo-me explicações, e uma retificação a um suelto publicado na *Folha de Lisboa*,

O editor d'este jornal indicou-me ás artistas como responsavel, tanto mais que as sr.as Heliet falaram no seu consul.

Ora como a *Folha de Lisboa* é um *semanario* que não aparece a publico desde 13 de novembro, deixo aqui n'este logar a declaração das artistas: »Vivemos do nosso trabalho honrado, dos nossos contractos, e não dos rendimentos de algum conhecimento.»

Com quanto a *virtude nunca possa ser atacada pela calumnia quando é virtude a valer*, o suelto não podia ferir a honestidade das artistas, nem foi essa a intenção do auctor.

Vivem do seu trabalho. Ainda bem. Ha uma consolação n'esta situação clara de artistas estrangeiros. Viver do trabalho e ser estrangeiro.

Teem o seu consul para as reclamações e dinheiro á farta para o processo da difamação.

Pobres que nós somos!

Quantos insultos a Hespanha nos dirige, os seuz jornaes, os seus filhos, e nós nem o recurso do Consul possuimos para vingar as afrontas que galgam a fronteira e esbarram na nossa cara de portuguezes com amor á nossa terra!

Fica feita a vontade das Hermanas Heliet, em atenção ao auctor do suelto.

Vinicio

Charadas

Soluções do numero passado: **Rosa Engeitada — Bambino — Canário — Lirio — Caravela.**

Decifradores

Pederneira — Caracol — Videira.

Charadas em frase

Andava aos coelhos quando vi o animal no utensilio. 2—2

A preposição estava ligada á companhia.—1—2.

A nota aqui, tinha o instrumento 1—1.

Napus Leo.

Patrôa: — qual è o sofrimento mais curioso?—2—1.

Salvaterra Junior.

Charada em verso

A condessa recostada
No seu divam encarnado,
Em pranto ardente banhada
Pensava no namorado—2.

Dextro, gentil cavaleiro,—3
Como nunca outro apar'ceu;
Audaz, fórte, aventureiro
Que na luta pereceu...

E agora emersa na dôr,
Emagrece o rôsto seu
E em breve será da terra ..

Convulsa beija uma flôr,
Que o seu amante lhe deu
Quando partiu para a guerra. .

Salvaterra Junior.

Charada combinada

. . a =Caminho
. . xa=Legado
. . sa=Medida
— Arbusto —

Caracol.

Por iniciaes

M	E	P	D	Q	F	M
2	1	1	2	1	2	3

Alvaro de Carvalho. — Porto.

Auxiliar

(por letras)

A' é vogal? Não ; é depressa.
SO, é isolado? Não ; é costume.
ASCA', é raiva? Não ; é bocado.
RA, é amphibio? Não ; é raiva.
LA, é além? Não; é fileira,
Mulher

Alvaro de Carvalho. — Porto.

Reduzida

Fruto—3
—mo –
Altar—2

Napus Leo.

Logogrifo

Verbo—3— 4—5—6—7
Verbo—5— 6—7
Verbo—8— 1—2—3— 6— 7
Verbo—9—10—3—5— 6—11
Verbo—6— 3—4—9—10—11
Verbo

Napus Leo.

Enigma tipografico

T
P 50 Portugal—n

Salvaterra Junior.

Aos leitores

Por absoluta falta de espaço retiramos hoje varias secções e artigos, bem como o concurso, do que pedimos desculpa aos leitores.

ETELVINA SERRA

a distinta atriz que desempenha um dos papeis principaes do celebre drama «A Martir» em scena no Politeama.

A Lyrica no Colyseu

A inauguração, que dentro de alguns dias tem logar no elegante circo das Portas de Santo Antão, vae constituir um dos maiores acontecimentos artisticos dos ultimos tempos.

Da companhia, uma das mais notaveis do genero, fazem parte celebridades que, a guerra traz afastadas dos theatros da Europa.

Podemos asseverar, que grandiosas surpresas nos prepara o talentoso emprezario Antonio dos Santos que por dever de oficio, nos força a calar nomes da mais extraordinaria sensação que esta epocha veem cantar ao Colyseu. Garantimos que durante semanas, não haverá um logar vago na Lyrica.

Dialogo

E e — *Tout passe, tout casse et lasse*
no bom mundo com que engraço
Ela — Nanja o **Chiado Terrasse**
do Tittel e do Colaço!

K. K. To.

S. Martinho!

Dos santos que ficaram *separados*
por essa *lei* que fez o *mestre Costa*,
existe um só de quem o *Zé*, mais gosta,
entre a côrte dos mais canonisados.

É Martinho esse santo! Os devotados
á fé que foi, por ele, ao mundo, imposta,
uma *irmandade*, fórmam, que é composta
por todos os *ardinas* consumados.

Eu tambem festejei com alegria,
desse grande Martinho, *o santo dia*,
que faz andar, o povo, em libações.

Mas por, bebido, ter, muita *agua-pé*,
quando cheguei a casa ia... *zaré*,
a fazer pela escada... *evoluções!*...

Vid'alegre.

Deve existir tal como existe o theatro em Portugal?

A continuar a existir tal como existe, vale mais que não exista!... Prova-o o conflicto que surgiu inesperadamente e nos desvia hoje da doutrina que vimos expondo para apreciarmos a ardorosa e desinteressada campanha, que ora vejo e leio, nas columnas do filho d'aquelle colosso da rua Formosa que por ahi circula á noite á apanha dos dez reis e sobordinado ao titulo **«Em defesa dos artistas.»**

Li com prazer aquella prosa scintilante, tem vôos grandiosos, onde o genio do jornalista brilhante que firma tão notaveis quão eruditos artigos, prova a sua vastidão de conhecimentos scientificos artisticos e não menos, do segredo de bastidores, pantano putrido e cheio de quanta vilania a perversidade humana sabe inventar para honra d'este progresso.

Mais vale tarde que nunca. **Eureka!...** agora sim, os artistas teem um paladino a defendel-os e d'esta vez, vae tudo de vento em pôpa. Não mais esses *cacas* da scena portugueza, que por ahi os temos aos montes, serão criticados, porque o terrivel jornalista, mata tudo e todos, a murro ou á pisto'a, na estrada da *«Ameixoeira.»*

No ultimo e brilhante artigo do novo paladino dos actores portuguezes (?) li doutrina tanta vez tratada em artigos immersos nas columnas d'*«O Zé»*, da *«Vida Artistica»*, das *«Bandarilhas de Fogo»*, dos *«Ferros Curtos»*, na *«Humanidade»*, na *«Vanguarda»* e tantos outros jornaes, sem que, os illustres artistas, se lembrassem de mandar os seus agradecimentos, como hoje caem na banca de trabalho do talentoso jornalista.

E sabe o illustre publico porque faço esta objeção?

Vem de annos a minha luta em prol do theatro, dos seus obreiros e bem conheço as suas ingratidões e não menos a sua criminosa indiferença.

A quantos, dezenas de vezes, eu tenho dito—leu isto, analysou aquella doutrina do artigo tal em o jornal X?Não vi!. .

Raros são os artistas em Portugal e esses, os que são illustrados, acompanham dia a dia, toda a evolução progressiva do que por esse mundo além marcha atravez o progresso do theatro e raro é, saberem o que diariamente se escreve na imprensa do seu paiz, mercê dos novos processos de fazer critica. Em Portugal, salvo os que criticos são de valor scientifico, o que lemos, são banalidades cheias de adjetivos a favor de **a ou b** seus apaniguados, d'ahi, o absoluto despreso que hoje teem pelo que diz certa imprensa da arte.

A campanha—*«Em defesa dos Artistas»* filha das melhores intenções do brilhante jornalista, apezar do **admiravel** acolhimento que teve na classe dos artistas dramaticos e aos montes conta os **cartões de felicitacões**, devem ser d'aquelles que, pela sua Associação de Classe, teem mostrado o interesse que a levou ao vergonhoso e criminoso abandono em que se encontra.

Uma vez que o brilhante jornalista, embora tarde, muito tarde mesmo, sae do seu comodismo de tantos annos, para dizer ao publico, que no paiz não ha mediocres em theatro, porque não utilisa o seu talento e tão eruditos conhecimentos, em chamar para seu lado, todos os elementos de valia e trabalharem no resurgimento do theatro, ora no mais agudo periodo da sua decadencia e para a qual, tem contribuido o *notavel* escriptor que adoptou *«As Musas Latinas,»* agora em scena no theatro da Rua dos Condes?

Quem mais culpada desta decadencia que a imprensa da... grande circulação, aonde acamarada o primorozo jornalista que, agora vem tão denodadamente salvar os artistas (sic) quando, tanto problema d'alto interesse temos a resolver no theatro portuguez.

Os artistas como Ferreira da Silva, Chaby Pinheiro, Antonio Pinheiro. Carlos dos Santos, Lucinda Simões, Lucinda do Carmo, Angela Pinto, Estevão Amarante, José Ricardo, Antonio Gomes e outros de muito estofo, estão por si defendidos!

Creio bem, que se trata d'uma trépa no talento de André Brun, em nome da defesa dos artistas quando, ella apenas interessa a Caca que se mascara de actor ahi por esses theatros. Que diferença entre um artista e um actorsinho ou actrisinha que, do theatro, faz balcão para segundos interesses.

Tratemos do levantamento do decadente theatro; tratemos de obter boa literatura dramatica, afastando a concorrencia estrangeira; estudemos a fórma de combater tudo quanto prejudica o theatro. Limpemos toda a podridão que vem sujando o brilho do theatro que, é a pedra basilar da grandesa d'um povo e d'um paiz que se diz civilisado! tudo o que não seja isto—é conversa para inglez vêr.

João da Rua.

KODAK THEATRAL

D. Perpetua que Deus haja... *comedia em 4 actos de Chagas Roquete.*

Creio estarmos em presença d'uma farça, que o autor, sujeitou toda a sua ação, a um concelho do Algarve.

Dentro dos costumes, dos ridiculos sobejamente conhecidos e desenvolvidos em velhos trabalhos theatraes gira toda a farça que, tem situações interessantes embora, a boa graça comica que a polvilha, tenha já circulado por almanachs varios, d'aquelles antigos que entretinham as familias á lareira em noites de dezembro. Era uma optima peça para o Gimnasio e ali faria bela carreira. O auctor, aproveitou com felicidade, o caracteristico ridiculo de certos personagens d'aldeia e, alinhavou bem o seu enredo cheio de ironia humoristica propria para o publico que se senta na casa de Gil Vicente.

Tem graça, o publico riu a bom rir embora, ali vejamos que Camilo, Agostinho de Macedo e até do celebre verso da Leonor Telles:

»Se elle ha tanta mulher!»

Tudo colaborou na *D. Perpetua que Deus haja!...*

Chagas Roquete, teve a felicidade de encontrar para a interpretação da sua farça uma notavel Trindade: Lucinda do Carmo, Joaquim Costa e Ignacio Peixoto. Lucinda, a nossa grande actriz, a notavel e sempre primorosa diseur, aproveitou a mais comesinha minucia da provinciana ignorante com pretensões e sabe com o seu talento, chamar as atenções do publico que não cessa de rir. E' um trabalho lindo e olhem que é um papel secundario. Que artista!...

Joaquim Costa, brilhante no major caserneiro, no qual nos apresenta um belo tipo, estudado com todo o cuidado e saber; embora o seu genero, Joaquim Costa, deu ao papel o relevo do seu merito que é muito.

Sabe manter a platea em constante gargalhada.

Ignacio Peixoto, é a alma da farça de Chagas Roquete; o seu brilhante trabalho, natural, cheio de situações intrincadas que elle aproveita magistralmente, prende as atenções do publico que não sabe se hade rir se aplaudir o seu trabalho que, é nos ultimos tempos, o melhor que tem apresentado.

Um bravo.

Augusto Mello, Pato Moniz, Albuquerque, Luiz Pinto e Luiz Bravo, completam com o seu trabalho primoroso, o conjunto interessante porque cada um, tira partido do seu papel.

Maria Pia, brilhante no secundario papel da velha Gertrudes que estudou com fina observação.

Laura Cruz e Emilia Sarmento, bem nos papeis auxiliares do enredo amoroso que, faz lembrar o Marquez de Vilemer!...

Carlos Santos, tem na farça, um papel bom, do qual tira partido, em especial, nos dialogos de enamorado da Miss. Deu mais uma real prova da modalidade do seu talento; a sua mise-en scene, é interessante, cuidada e muito bem estudada.

Devemos ainda falar de Carlota Sande, que vae subindo no barometro do conceito.

Estude e caminhe de vagar para chegar bem ao fim.

Autor e artistas, foram muito vitoriados nos 2.º e 3.º acto. A comedia como diz o autor, agradou e vae fazer carreira.

João da Rua.

ADDENDA—Ao grande publico, avisamos que o simpatico e popular camaroteiro Gouveia Pinto, faz a sua festa a 8 de dezembro com a notavel peça—*«Vinte Mil Dolars»*.

CARTAZ THEATRAL

Nacional—Lá temos a bela comedia *«D. Perpetua que Deus haja»* um dos mais notaveis successos theatraes.

Chagas Roquete, acaba de brindar-nos com um primoroso trabalho literario que, prima pelas situações interessantes d'um comico hilariante e inegualavel.

Trindade—Nem as matinées ao domingo, fazem diminuir a aluvião de povo que se junta todas as noites na bilheteira para ver a notavel revista, um dos maiores e inconfundiveis successos—*«O Dia de Juizo»*.

Ginasio—Bateu o record do successo, a linda comedia—*Lá done è mobile.* Basta o deslumbrante scenario do 2.º acto: o notavel desempenho, para ali chamarem tudo quanto de chic temos na capital.

Eden—Quem ha em Lisboa, que não tenha ido admirar a revista *O Dominó?* Coisa egual não se viu ainda em theatros portuguezes.

Apollo—Até que possa ter logar a première da *Viagem de Suzete*, que em breve sobe á scena com todo o deslumbramento, sensacional scenario e guarda roupa, continua em scena, a aplaudida revista—«Fado e Maxixe» que continua em pleno agrado do publico. Ainda ali chama farta concorrencia.

Colyseu dos Recreios—E' um nunca acabar de estreias e ruidossos successos. Agora é o *«Sonho Tragico»*, um notavel mimodrama completa novidade. Deveras encantador e empolgante. Tem ali chamado enchentes sobre enchetes.

Salão Foz—Todas as semanas, novas estreias com artistas dos mais notaveis no genero.

Assim se explicam as enchentes que tem o mais encantador salão do paiz. A empreza é incançavel e procura honrar as tradições do chic rendez-vous da melhor sociedade.

Theatro Moderno—A interessante companhia infantil, chama ali todas as noites, grande concorrencia. A petisada tem agradado extraordinariamente pelo seu valor e variado reportorio.

A empreza é digna do auxilio do publico.

Sem olhar a sacrificios, variando constantemente o seu reportorio, todas as peças são montadas com todos os requisitos.

D'entre os pequeninos artistas, notamos verdadeiras vocações.

Variedades—Continua em pleno successo a peça de costumes portuguezes, em 2 actos, *«O burro do Zé Alcaide»* original do nosso collega Velloso da Costa, para a qual fez musica o laureado maestro Manoel Benjamim.

Animatografos

Chiado Terrasse—A atual empreza, não descança em dar-nos as mais extraordinarias novidades do estrangeiro. O seu sexteto, unico no genero, continua a manter as suas tradições artisticas.

Olympia—O lindo cine da alta sociedade, é onde se exibem as mais sensacionaes novidades. Com os atrativos que apresenta, torna-o o mais querido dos animatografos.

Salão Central—Os successos, marcam-se pelas enchentes que são colossaes. Raro é o dia, que os cartazes, não indicam a estreia duma fita sensacional A musica classica que executa o seu sexteto, composto de notaveis artistas como João Passos, chama ali uma classe especial de publico.

Salão dos Anjos—Em pleno successo, temos ali a interessante revista do espirituoso e popular escriptor Arthur Arriegas.

Salão da Trindade—E' ainda hoje, o mais importante salão de animatografo.

As novidades sensacionaes, contam-se pelo sem numero de fitas celebres que ali se apresentam. E a musica?...

Salão do Loreto—Em fitas faladas, é o unico que atrae o publico. Todas as noites são medonhas as enchentes.

Paradis—Depois da remodelação a que não faltou o formal e Lamarão, vêmos ali uma plateia digna d'uma casa de espectaculos. Apresenta as melhores novidades animatograficas e de *folie bergers.*

Salão Imperio—E' o encanto do bairro Estefania.

Hermanas Heliete

Numero de baile que tem conquistado um successo colossal na sua demorada *tournée* pelo nosso paiz — Coupletistas muito graciosas e eximias na celebre dança **Apache.**

Salão Foz

Concerto
Variedades
Cinematografo

O salão mais chic de Lisboa

O Salão Foz, pela luxuosa transformação que sofreu, e frequencia distinta e escolhida que ali se reune, é hoje considerado o melhor de Lisboa.

Sexteto sob a direção de

Thomaz de Lima

Outros numeros de sensação

Films de exito